



LITERATURA NO PEITO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LITERATURA PELO VIÉS DA CULTURA

SANTOS, Ronilson Ferreira dos

Faculdade Maurício de Nassau – ronybak@outlook.com

SILVA, Fabíola Nóbrega da

Universidade Federal da Paraíba – fabiolanobrega27@gmail.com

Resumo: O estudo apresentado compreende um projeto de literatura que se propõe a renovar o ensino dessa disciplina a partir das fronteiras que marcam o campo da cultura. Nele analisamos a construção de sentido a partir do entrecruzamento de vozes sociais que ocorre no diálogo entre gêneros, no caso a imagem (pintura) e canção (música). Nesse sentido, o estudo concentra-se na teoria enunciativa de Bakhtin e o Círculo, a qual trabalha a linguagem a partir de processos dialógicos constitutivos do texto. Assim, discute-se, a partir dos gêneros um discurso de ordem ideológica e cultural que respondem à proposta. Para tanto, o corpus compreende a leitura de um aluno sobre a relação discursiva entre a pintura de Rugendas, datada de 1985, que tematiza a escravidão, e a canção Alforria, da Banda Forfan, que aponta um novo olhar sobre esse tema a partir de uma abordagem histórica, social e cultural de uma época passada revelada no tempo atual com um novo dizer. Discorre-se sobre a categoria de análise da teoria bakhtiniana como ideologia, enunciação e dialogismo. Os resultados apontam que o resgate da cultura no ensino da literatura despertam uma nova forma do sujeito aluno dialogar com os textos literários e criar o próprio sentido.

Palavras-chave: Cultura, dialogismo, vozes.

INTRODUÇÃO

O estudo em torno do adendo *Os estudos literários* hoje, presente no livro *Estética de Criação Verbal*, de Michael Bakhtin (2011), gerou uma discussão em torno do ensino da literatura hoje.

A discussão foi resultado de um encontro do grupo de estudos *GPLEI da Universidade Federal da Paraíba que se propõe ler, discutir e refletir sobre o pensamento bakhtiniano. Neste caso, o adendo foi o texto-objeto que promoveu dizeres sobre a literatura, a cultura e o ensino, fatores preponderantes para colocar a aula de literatura numa posição de vanguarda, o que já é tempo.,

A discussão apontou o problema sobre dois vieses: o ensino da literatura a partir do perfil/proposta das escolas literárias e depois sobre alguns métodos de trabalho para se ensinar literatura em sala de aula.

Partindo desses pressupostos e pela vivência/experiência no âmbito do ensino da literatura, apresentei um modelo pedagógico com o qual trabalho o ensino da literatura a partir do sentido de fronteiras, que coloca o homem na sua relação com o outro através da cultura, a qual se concretiza pela linguagem enquanto processo dialógico que liga os sujeitos dentro de um dado campo



discursivo. Esse tipo de trabalho já é resultado das várias apreensões dos estudos de linguagem proposto por Bakhtin e o Círculo.

Como estudante na época do Ensino Médio, quando a literatura era vista apenas neste nível de ensino; e hoje como professor dessa disciplina, conclui que os parâmetros com aquilo que me condicionaram a olhar a literatura apenas como apreensão da proposta de cada escola literária não podia persistir na minha prática, então busquei trazer para os alunos um estudo da literatura a partir de projetos, porém não é esse gênero que norteará a proposta deste trabalho, mas o processo dialógico como ação fundamental para apreensão das significações da literatura a partir da discursividade com outros gêneros.

Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar a proposta de ensino da literatura a partir de uma concepção dialógica na qual os textos literários dialogam com outros gêneros resgatando, assim, o sentido fronteiro que está na cultura dos sujeitos sociais.

Rer o adendo *Os estudos literários hoje* é promover a discussão sobre cultura e seu papel no ensino da literatura, é compreendê-la pela história, pela alteridade, voz dos sujeitos, linguagem, obra e autor. Preceitos que marcam o suporte teórico deste artigo. Aponta também debater o papel do professor através da interação com os textos e com os sujeitos leitores.

Sendo assim, o caminho para uma nova forma de ensinar literatura, no sentido apresentado anteriormente, partiu da ideia do projeto intitulado *Literatura no peito*, o qual objetivou um diálogo entre texto e imagem. O objeto teve dois segmentos: os textos literários trabalhados em sala (poemas, romances, contos etc.) e a pintura de obras de artes ilustradas no livro didático.

O percurso aqui desenvolvido para estudo é constituído das seguintes partes:

1. A apreensão crítica das considerações de Bakhtin sobre o ensino da literatura hoje;
2. Literatura no peito – Conhecendo alguns procedimentos metodológicos
3. Análise do corpus: camisa, imagem e dizeres

Esse percurso funciona como mecanismo para compreender a relação cultura-literatura - aula e dela apreender a singularidade dos sentidos que a interação texto-imagem e imagem-canção produzem.

1. A apreensão crítica das considerações de Bakhtin sobre o ensino da literatura hoje

A abordagem teórica parte dos pressupostos sobre cultura apresentados por Bakhtin como resposta para a indagação sobre o ensino da literatura. De início o estudioso reconhece que há potenciais e estudiosos talentosos, mas dos estudos literários hoje ainda não possui métodos elaborados. (BAKHTIN, 2011)



O que é proposto é uma aproximação com a história da cultura, visto que esta não pode ser desvinculada da literatura, não pode ser vista fora do contexto de toda cultura de uma época e liga-la apenas a fatores socioeconômicos, os quais agem sobre ela e influenciam na literatura. (BAKHTIN, 2011).

Apreende-se, então, que o ensino de literatura não pode ser apenas uma ligação marco-temporal com a história, é preciso, a partir da história, resgatar, relacionar com os campos da cultura. O que quer dizer a necessidade de um sujeito estar inserido num grupo social para que se eleve a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural.

Isso se dá através de enunciados concretos que mantém uma relação indissociável com a vida (BAKHTIN, 2010).

A obra literária é, pois, o vínculo indissolúvel entre a literatura e a cultura de uma época, ela é responsável por ultrapassar as fronteiras e viver no grande tempo. É trazer a cultura do Outro para criar um sentido que se dá a partir das relações dialógicas.

Segundo o Círculo (1997), a palavra é absorvida por uma função de signo, pois tudo é criado por ela, é o modo mais puro e sensível de relação social. E acrescenta que todo signo resulta de um processo de interação, por isso são capazes de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

O signo, então, por aportar no campo do dialogismo, cabe nesta análise como uma categoria que circula entre os interlocutores a partir da palavra, a ponte que socializa os discursos e representa a ideologia do cotidiano, aquela que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos da vida dos sujeitos sociais que dizem nas canções. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997).

Para o pensamento bakhtiniano, ao pronunciarmos as palavras estamos emitindo verdades e mentiras, posições e contrariedades, afirmações e negações, desejos, sonhos, raivas etc. porque todas essas enunciações estão impregnadas de conteúdo ideológico que não pode ser abstraído de um dicionário.

É fato, então, que a cultura não é apenas um bojo que inclui o conhecimento, a arte, os costumes, a vestimenta, a alimentação, a lei etc. como se apresenta nos dicionários, a cultura é a fronteira que se estabelece pela palavra através dos enunciados. E pontua-se:

Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997, p. 112)



Compreendemos, então, que a palavra circula entre os interlocutores variando de acordo com a escala hierárquica, digamos assim, do grupo social que abriga um determinado sujeito, o que quer dizer que a palavra procede de alguém e vai para alguém constituída de atmosferas que engendram o discurso no momento da sua enunciação.

Por isso, trabalhar a literatura a partir da cultura é fazer do antigo uma descoberta atual carregada de sentidos que vão estar sempre num processo de continuidade, seja pelo texto da obra literária, dos poemas, das pinturas, do cinema, da música, da arte, enfim.

2. Literatura no peito – Conhecendo alguns procedimentos metodológicos

Com afirmado na introdução, não cabe neste estudo proferir sobre a pedagogia de projetos no âmbito da literatura e muito menos discutir o ensino da literatura nas escolas hoje, cujo procedimento exigiria uma pesquisa de campo com técnica de entrevista, levantamento e análise dos dados. Não é isso que se sugere. Mas apresentar uma proposta do ensino de literatura a partir da dialogicidade da linguagem.

O tema do projeto é *Literatura no peito*, cujo objetivo é fazer com que os alunos compreendam a literatura dentro de um contexto cultural, social e histórico na relação dos textos literários com outros textos de outros gêneros e desse diálogo construir uma avaliação crítica sobre os fatos que os colocam como sujeitos sociais atuantes.

A justificativa aponta para o momento atual do mundo dos jovens que é a sua relação volitiva com o aparato tecnológico, como o celular, por exemplo, que dialoga constantemente com os jovens, não só no aparato das redes sociais, mas também na possibilidade de adentrar no universo das músicas através de blogs, páginas, aplicativos etc. que os colocam em contato constante com o “novo”.

O importante desse “novo” diz respeito às bandas e artistas individuais que usam a internet para divulgarem seus trabalhos e vão arrematando milhares de seguidores com suas músicas.

Nesse contexto, as vozes dos alunos se distanciavam dos textos literários porque não havia diálogo. A *cibercultura* não era cultura para o professor. Foi necessário adentrar nesse universo e descobrir, conhecer novos dizeres que ali estavam e que dialogavam de forma prazerosa com os jovens. Portanto, fez-se necessário buscar uma forma que promovesse essa interação verbal. Daí o projeto *Literatura no peito* veio abraçar aspectos da cultura naquilo que é social, por exemplo, a vestimenta, através da camisa; como também os aspectos tangíveis através da imagem e do verbal enquanto ideia (intangível).



Os sujeitos viventes dessa proposta foram alunos da 3ª série, no total 15, do Ensino Médio do Externato Santa Doroteia, localizado no bairro Castelo Branco, em João Pessoa. Porém, na propositura deste estudo, houve o recorte para o trabalho para um aluno apenas como objeto de análise.

O procedimento metodológico constituiu-se das seguintes etapas:

- Acrescentar aos conteúdos literários trabalhados em sala, digam-se as propostas das escolas literárias, as considerações de Bakhtin sobre cultura e sua referência histórica e cultural, marcando o autor e a obra ao longo do tempo através do dialogismo.
- Coletar versos dos poemas, frases de canções, trechos de romances ou ilustrações de pinturas que foram trabalhados em sala a partir dos estudos sobre o Modernismo brasileiro, desde o Pré-Modernismo até as produções contemporâneas.
- Buscar um diálogo com o verso, frase, trecho ou pintura escolhido com outros gêneros que promovesse um sentido discursivo a partir das fronteiras quando as vozes sociais se cruzam formando novos dizeres..
- Confeccionar a camisa usando a criatividade para dialogar o texto verbal com a imagem, sendo esta criada ou reproduzida, mas que mantivesse um dizer cultural.
- Apresentação e socialização da camisa (vestido) e defender o diálogo ali construído, dissertando sobre o papel da cultura na relação com o literário.





Fig. 1. Professor e alunos vestidos com a camisa no dia da apresentação

Esse procedimento foi desenvolvido durante as aulas através do processo de interação verbal pontuado por Bakhtin como eventos de grande interação sociocultural de qualquer grupo e também de espaços de vida da consciência sociológica. (FARACO, 2009).

3. Análise do corpus: camisa, imagem e dizeres

Nesta abordagem de análise, apenas um trabalho será analisado. É de um aluno que será chamado de A e que terá sua voz marcada pela aspas. Primeiro abordar-se-á sobre o material (camisa), depois se pontua a marca teórica postulada no diálogo entre os gêneros e por último a reprodução da avaliação do aluno sobre a construção dialógica existente na camisa.

A camisa do aluno A teve como tema a escravidão, apresentou a ilustração de uma pintura de *Rugendas*, de 1835 sobre o transporte de escravo nos porões dos navios negreiros que ocupava toda a parte horizontal e uma pequena parte vertical e era colorida. Sobre a imagem, centralizada, versos da canção *Alforria*, escrito em branco, da Banda *Forfan* e logo abaixo dos versos o nome da banda e do título da canção escritos em azul.

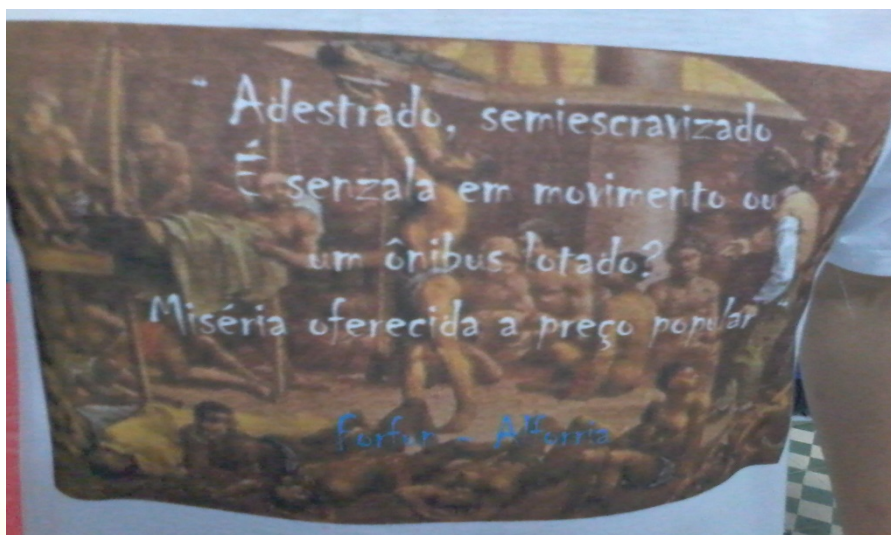


Fig. 2 – Camisa do aluno A

Ao se observar a imagem e o texto na camisa percebe-se, de imediato, que há um diálogo, não o diálogo face a face, mas o todo da comunicação verbal: o verbal e o pictórico, no caso. Implica dizer que nessa interação se opera vozes sociais advindas de sujeitos marcados sócio ideologicamente (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997). Ou seja, o discurso que desse diálogo provém



da discussão ideológica em que se esgrime uma questão social e histórica que é a escravidão, o negro colocado como bicho, como objeto.

Primeiro analisa-se na imagem (pintura) um horizonte social que abrange a cultura a partir da história. Há uma denúncia dessa prática social na qual se degenera o todo de uma raça, da condição humana do negro ao longo do tempo e firma uma compreensão cultural da época que ainda hoje se processa em outros fatos, em outros dizeres. Tal argumentação se materializa pelo registro das cores ao representar o porão de um navio cheio de negros à bordo: homens, mulheres, crianças e velhos. Todos confinados no porão, seminus, sem conforto, doentes e possivelmente hostilizados pelas vozes dos “patentes”.

Num segundo momento têm-se os versos da canção *Alforria* da banda *Forfan* marcados pelo seguinte enunciado:

Adestrado, semi-escravizado
É senzala em movimento ou um ônibus lotado?
Miséria oferecida a preço popular

Há a voz de um sujeito contestador de uma situação atual do homem trabalhador ao caracterizá-lo como adestrado e semi-escravizado. Os signos são tomados por uma ideologia cuja consciência adquire forma e existência em razão de circularem por um fato histórico no curso das relações sociais do homem (BAKHTIN, 1997). Então, porque seria homem semi-escravizado? Que fato histórico é esse que marca uma situação de cultura?

No segundo verso o sujeito enunciador incorpora outra voz e cria um discurso alheio demarcado, visto o uso do discurso direto em razão de uma voz interrogativa que questiona, através de uma comparação, a senzala com um ônibus lotado. Qual seria, portanto, a razão comparativa apresentada pelo enunciador?

Já no último verso o sujeito enunciador apresenta a metáfora miséria em alusão ao que foi dito antes por ele. Metáfora essa que dá ao signo miséria um valor popular, não no sentido de dinheiro, mas de vida. Assim, qual seria, então, a significação dessa metáfora?

Os três segmentos de análise dos versos da canção *Alforria* foram finalizados com perguntas, cujas respostas aparecerão no terceiro item de análise que traz a compreensão do aluno sobre a relação dialógica existente entre os versos e a imagem presentes na camisa.

Nesse sentido, a compreensão sobre a cultura parte do ponto de vista de um sujeito criador quando relacionado com outros pontos de vistas criadores (BAKHTIN, 2010). Isso quer dizer que só nas fronteiras é que nasce a necessidade absoluta do ponto de vista e acrescenta



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Não se deve, porém, imaginar o domínio da cultura como uma entidade espacial qualquer, que possui limites, mas que possui também um território interior. Não há território interior no domínio cultural: ele está inteiramente situado sobre fronteiras, fronteiras que passam por todo lugar, através de cada momento seu... (BAKHTIN, 2010, p.29)

Momento esse que se configura pela linguagem através das relações que os sujeitos mantêm com outros sujeitos marcados na história pela cultura.

Diante desse processo dialógico, o aluno A fez sua avaliação discursiva questionando o cruzamento de vozes entre os gêneros propostos pelo projeto trazendo a cultura como elemento dado para a construção do sentido.

“A imagem, ao mostrar a figura de negros no porão do navio negreiro, depreende-se a exploração sofrida pelos negros durante um bom tempo da história em razão de um sistema escravocrata que perdurou durante muito tempo no Brasil e que colocou os negros como objetos jogados para lá e para cá pelo balanço do mar como mercadorias que seriam comercializadas e também como bichos para serem explorados pelo branco.” É nítida na fala do aluno uma referência à cultura de exploração do branco sobre o negro em razão da cor, do poder e do sistema. Tal situação foi tão marcada que ficou arraigada na história e na memória do homem como algo vergonhoso.

Com relação à segunda parte, o aluno A faz a avaliação respondendo as questões apresentadas no estudo sobre os versos da canção *Alforria* da banda *Forfan* sobre a imagem do navio negreiro presente na camisa.

O aluno A avalia da seguinte maneira: “Primeiro fica claro na imagem que o fato histórico é a escravidão, por isso a expressão semiescravidão traz esse fato para a atualidade quando o homem trabalhador é preso a um salário mínimo que não responde as suas reais necessidades.” Nessa fala do aluno A compreende-se que o homem trabalhador é escravo do sistema capitalista ao se explorar sua mão de obra responsável pela construção do país. Portanto, o salário impede, anula a ideia de escravo, da condição de exploração, mas que não deixa de ser fato a verdade do “semi.”

Mas, considerando que na Modernidade o processo literário reduz-se ao sensacionalismo midiático que não exerce influência sobre a autêntica literatura de uma época (BAKHTIN, 2011), fica claro o vazio do teor literário quando não se oportuniza a cultura nos estudos literários.

Já a comparação entre *Senzala* X *ônibus*, o aluno A avalia: “O ônibus substitui a senzala, espaço onde ficavam amontoados todos os negros escravizados, sujeitos ao abandono, ao martírio e à morte. No ônibus se encontra os trabalhadores que sofrem para chegar ao trabalho e retornar para casa no final do dia, visto a espera por ele, o aglomerado de pessoas e o tempo de deslocamento. Situação desrespeitosa com o trabalhador que pena na mão de um serviço de transporte que não funciona direito.” Nessa voz há uma indignação, há o desrespeito contra o trabalhador. A canção constrói na voz do aluno A essa percepção de



exploração velada, por isso que uma cultura de uma época não pode ser fechada em si mesma como algo pronto (BAKHTIN, 2011) e pontua:

“Em cada cultura do passado estão sedimentadas as imensas possibilidades semânticas, que ficaram à margem das descobertas, não foram conscientizadas nem utilizadas ao longo de toda a vida histórica de uma dada cultura. (BAKHTIN, 2011, p. 364)

O que quer dizer que um fato histórico não pode ser encerrado num dado momento do passado porque seus sentidos se perpetuam nas consciências de outros dizeres da cultura pela literatura.

Considerações finais

Com o intuito de mostrar uma proposta de ensino de literatura a partir do uso da concepção dialógica da teoria bakhtiniana e do Círculo para a interpretação e compreensão de textos literário, fez-se necessário trazer para os estudos literários as fronteiras da cultura, a qual se realiza pela palavra, enquanto signo ideológico, no processo comunicativo.

Foi preciso saber que os gêneros têm na sua função o papel importante de resgatar a cultura e materializá-la a partir do autor que dá voz ao texto, seja uma imagem ou uma canção, como foi o caso desse artigo.

Apresentou-se neste estudo a construção dialógica entre os gêneros acima citados numa ordem de tempo marcado por um fato histórico, que foi a escravidão, através da tela de *Rugendas*, de 1835 e uma ressignificação desse fato na atualidade a partir do gênero canção que foi a música *Alforria* da Banda *Forfan*.

Para construir o sentido a partir do diálogo entre esses gêneros, pontuou-se o ponto de vista de um aluno em favor de atenuar a distância tempo-fato histórico através das considerações sobre cultura que, segundo Bakhtin, (apud Faraco, 2009) precisa entrar nos discursos, se transformar em enunciado e fixar a posição de um sujeito social. O que quer dizer que só assim é que vai gerar uma atitude responsiva do outro.

Tomemos o Outro como os autores-artesãos que precisam lapidar a obra pela fronteira da cultura e dos leitores que precisam apreender essas fronteiras pelo uso da palavra, já que esta, dada a enunciação ganha valor ideológico enquanto signo e, enquanto signo, compreende a fronteira cultural. Assim como foi o navio negreiro, assim como foi a *Alforria*, neste caso da libertação de um aluno do sensacionalismo que o envolve na realidade da vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnisk e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra, - 6ª ed.. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

_____. *Questões de Literatura e de Estética – A teoria do romance.* – 6ª ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.
FARACO. *Linguagem e Diálogo – As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.* São Paulo: Parábola editorial, 2009.